



ENSINO DE ARTE, PORTFÓLIOS E CIDADE¹

Ana Inez Kienen Schreiner – UNIUV²

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, ENSINO DE ARTE, PORTFÓLIOS E CIDADE, é uma síntese do artigo, intitulado *Portfólios sobre cidade: uma discussão sobre o Ensino de Arte*. Nasceu da pesquisa, implementação e análise de uma intervenção pedagógica desenvolvida no Programa de formação docente conhecido como PDE. O tema, eixo que norteou as práticas e discussões foi ‘cidade’, por seu caráter múltiplo. O estudo tratou de investigar em que medida um roteiro de produção e procedimentos artísticos, da fotografia ao desenho e à gravura, pode contribuir para a percepção de alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental, sobre a cidade, com ênfase em sua dimensão plástica, e presente na configuração formal do desenho das arquiteturas. O objetivo geral propôs construir portfólios de memórias com imagens e textos sobre a cidade. No contexto escolar, foi observado que em sala de aula há, entre os alunos, pouco conhecimento sobre gravura, dificuldades na representação gráfica, embora exista interesse em fotografia. Os trabalhos foram desenvolvidos com as cinco turmas do 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública. A abordagem iniciou com a proposta pedagógica e, para despertar as percepções e aprofundar conhecimentos, foi previsto um percurso a pé para fotografar a cidade e observar a arquitetura, relacionar a história local, estabelecer relações entre o desenho e a fotografia e, por fim, a obtenção das gravuras por meio de um processo intitulado papelogravura (método alternativo para obtenção de gravuras, em que o papelão é utilizado como suporte para a matriz), encerrando com o ajuntamento das produções. Em conversa com os alunos durante o percurso, foram questionados sobre o que seria, afinal, cidade. A resposta veio simples e direta: ‘a cidade é o centro’. Isso significa que ao conceituar o termo o aluno considerou os benefícios da urbanidade e o exercício da cidadania, seu argumento baseou-se na concepção de que há facilidades, oportunidades e atendimentos diferenciados na região central. Porém, em grandes centros, como São Paulo, a utopia se desfaz, pois não acontece desse modo. Há locais de fluxo intenso de sujeitos que em certa hora são centros comercialmente movimentados e, em outro momento, exibem a marginalidade³. A cidade é cor e forma que evoca, onde os sujeitos se elaboram, se reconhecem, negam e afirmam suas realidades. Nessa apropriação do espaço se estabelecem de vínculos, tempo e espaço ligados à materialidade que condicionam. Em cidades como União da Vitória (PR) e Porto União (SC), é possível perceber o antigo e o novo na paisagem como saberes do cotidiano, um registro não verbal da historicidade. As arquiteturas em suas configurações são refratárias dos tempos. Na evolução edificatória exibem preferências, valores estéticos e concepções de espaço de outras épocas (ARGAN, 2005; ROSSI, 2001; BERGSON, 1999). Assim, os traços sobre o mapa e as próprias ruas percorridas estabeleceram uma relação dialógica nas interpretações dos alunos, contribuíram com a compreensão do espaço e seus modos de representação. Trajetos e linhas se interligam, convergem e se

¹ Este resumo, apresentado também em comunicação oral, é um desdobramento da pesquisa realizada entre 2013-2014 no PDE (SEED-PR) sob orientação da Prof.^a Ma. Desirée Melo.

² Professora Universitária (UNIUV) e da Educação Básica (SEED-PR), licenciada em Educação Artística - Desenho, Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE). E-mail: anainezks@gmail.com.br

³ Palestra com Dr. Paulo C. Garcez Marins (USP) em 26-05-2012, no Museu do Ipiranga.



sobrepõem em um estudo imbricado, que na voz dos alunos torna-se: ‘Onde você mora é por aqui?’ ‘Por aonde vou?’ ‘Não sabia que este caminho é o mais curto para ir à escola’. Ou ‘Puxa, moramos na mesma rua?’ ‘Onde moro não aparece no mapa da cidade. Como faço para desenhar?’ Não é a resposta, mas a pergunta que leva ao exercício da alteridade e ao conhecimento, como a compreensão do conceito formal de linha, da sua abstração e leitura. São considerações percebidas a partir das análises dos portfólios. A “cidade [...] é a própria arte” (ARGAN, 2005, p.73), ali são perceptíveis os elementos plásticos que caracterizam sua própria imagem. Uma tessitura entre o ideal e o real, o material e o imaterial, o preciso e o vazio, o volumétrico e o orgânico, porém são distintas como o mundo do pensamento e dos acontecimentos. A cidade é intensa e fluída, tal como Calvino (1994) escreve. Durante as aulas houve o reconhecimento do antigo presente nas fachadas históricas, que foi percebido através das falas dos alunos, ainda que a publicidade identificadora do ponto comercial elimine a evidência do legado histórico. São geralmente dois níveis, o térreo atualizado e o 1º piso antigo. Nas atividades com a fotografia, notou-se que ela elimina o desconforto da falta de habilidade gráfica, mas isso não exclui a importância do apuro no olhar. “A arte com que a fotografia mais se parece é a arquitetura, cujas obras estão sujeitas à mesma inexorável ascensão por efeito da passagem do tempo” (SONTAG, 2004, p.94). A fotografia oportuniza um diálogo singular entre presente e passado. Ao surgir, a fotografia estabeleceu uma nova linguagem, um modo particular de perceber e interpretar o mundo. Um reter de fragmentos do tempo, uma captura de imagens pós-históricas⁴ que permitem reinterpretações. Olhar uma fotografia é um exercício que implica perceber o que lentes capturam e entender que nas interpretações são aplicados filtros culturais. A gravura é uma linguagem artística que consiste em estudar a linha e elaborar um desenho prévio; transpor o desenho espelhado para a matriz; escavar a superfície em xilogravura ou linoleogravura, gravar em metal ou produzir uma matriz com materiais não convencionais, finalizar de acordo com a técnica utilizada; entintar a matriz; escolher o tipo e o formato de papel ajustados ao tamanho do desenho; e, então, imprimir, ou seja, obter a gravura. Um entrelaçamento entre o conhecimento, a técnica e a intuição plástica. O aprofundamento de conhecimentos esbarra em questões delicadas, por exemplo, escolher o que vai ser mais fácil, a imitação e a cópia, desviar-se do foco do trabalho, falta de material, tempo escasso e insuficiente, desconhecimento que gera frustração, baixa expectativa pessoal. No entanto, ensinar não é a superação diante de dificuldades, mas o alargamento de horizontes proporcionado pelos saberes adquiridos de todos os envolvidos. O presente trabalho de modo algum se esgota, mas objetiva pensar procedimentos e ações pedagógicas para o ensino de arte.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. 2.ed. Martins Fontes, São Paulo: 1999.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: 2002.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁴ Flusser (2009), filósofo tcheco radicado no Brasil (1920-1991) considera a fotografia um legado e marco histórico, pois divide a história em pré e pós-histórica, ou seja, antes e depois do registro fotográfico da cena vivida.



SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Obras consultadas

BARBOSA, A. M. (org.). **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

LAZIER, H. **Origem de Porto União da Vitória**. Col. Vale do Iguaçu nº 51. Porto União: Uniporto, 1985.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

SCHREINER, A. I. K. **A plasticidade e as permanências nas arquiteturas históricas de Porto União/SC e de União da Vitória/PR**. Orientadora Dra. Nadja de Carvalho Lamas. Dissertação de Mestrado. Joinville, UNIVILLE: 2013.